# A importância do cordel

*António Rodrigues, Público, 27 de dezembro de 2016*

(…)

Pode ser que o teatro tenha perdido essa ligação tão umbilical ao cordel mas ainda hoje esta literatura popular tem um papel importante na cultura da Paraíba e do Nordeste. Podem ver-se os folhetos à venda em muitos lados. E, como no passado, vão das histórias fantásticas e mitológicas, até casos recentes, passando por descrições das belezas de cidades - há até manuais para evitar acidentes de trabalho, editados por organismos oficiais.

Tarcísio Pereira, escritor, dramaturgo, encenador, actor nascido em Pombal, já escreveu tanto uma paixão de Cristo ("Cordel da Paixão de Deus"), como uma peça sobre educação e cultura no trânsito ("Cordel do Carro Encantado"). Em "Os Sete Mares de António", socorrendo-se de um cantador nordestino e de um trovador português como narradores, levou o padre António Vieira para o universo do cordel.

Figuras importantes da história e da literatura são sujeitos e inspiração para os folhetos. Um conto de Tolstoy, a vida e obra de José Saramago, o "Manifesto Comunista"; os cordelistas alimentam a cultura popular de edições baratas, folhetos que na maioria das vezes só custam dois reais.
É claro que hoje perderam o lado utilitário noticioso que já tiveram no passado. Até ao advento da rádio, o cordel "foi uma espécie de jornal da população mais pobre, da população rural que estava no meio urbano e da população da zona rural", explica Astier Basílio, da curadoria de cordel do Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP), em Campina Grande.

Crimes, acidentes, novas sobre o cangaço, os últimos milagres do padre Cícero eram escritos por poetas que andavam pelas feiras do Nordeste, do litoral ao alto sertão, a cantar versos e vender os seus folhetos. "Era um poeta pobre como seus leitores, que conhecia a linguagem desses seus leitores e comunicava directamente com eles", acrescenta Basílio.

No MAPP, também conhecido como Museu dos Três Pandeiros, última obra arquitectónica de Oscar Niemeyer inaugurada faz agora quatro anos (13 de Dezembro de 2012), o espaço da literatura de cordel dedica uma exposição aos 150 anos do nascimento de Leandro Gomes de Barros, percursor do género e autor de centenas de títulos.

Foi em "O Dinheiro", de Leandro Gomes de Barros, que Ariano Suassuna "se inspirou para compor a peripécia do 'Auto da Compadecida' em que é negociado o enterro do cachorro, com seus rituais litúrgicos, em latim", conta Astier Basílio. "O episódio final do julgamento também tem uma ligação muito directa com o folheto do 'Auto de São João da Cruz'". E há ainda o cordel de "O Cavalo que Defecava Dinheiro", que, na peça de Ariano, é um gato "adoptado como animal de estimação pela mulher do padeiro que é ludibriada pelo João Grilo", o protagonista pícaro, inspirado na tradição da commedia dell'arte.

(…)

https://www.publico.pt/2016/12/27/culturaipsilon/noticia/viagem-de-cordel-ao-coracao-do-brasil-1754484